

COMO SER UMA CRIANÇA NA CALÇADA

PONTUAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE ALGUMAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DO RECIFE

Liana Lewis¹

De que Crianças estamos Falando? Na obra *Theorizing Childhood*², os sociólogos da infância James, Jenks e Prout problematizam a concepção definidora do próprio objeto de estudo – infância – como uma categoria unificada caracterizada exclusivamente pela questão geracional. De acordo com os autores, tal simplificação não leva em conta outras categorias identitárias como classe social, gênero, etnicidade, etc. A esse respeito Hall³ propõe uma noção de identidade que contrapõe o projeto moderno de permanência e estabilidade. O conceito de identidade agora está relacionado às diversas possibilidades de ser e vir a ser de acordo com a interação de discursos, histórias, práticas e posicionalidades que não são atualizados sem problemas. Agora é o momento de contradições e antagonismos.

Tomar as crianças em situação de rua como categoria antropológica faz-se fundamental, pois o modo como as olhamos e com elas nos relacionamos reflete a natureza de nosso sistema social. A forma como a sociedade em geral exerce controle sobre as crianças explicita como lida com o poder, pois a criança não apenas não é um ser natural e neutro, como também é um ser político.⁴ É tomando a infância como um momento particular de inserção do indivíduo na comunidade, que já na década de 1950 Ruth Benedict afirmava que “todas as culturas devem negociar de uma forma ou de outra com o ciclo de crescimento da infância para a idade adulta”.⁵

¹ Doutoranda em Estudos Culturais na Nottingham Trent University/Inglaterra. Bolsista da Capes.

² JAMES, ALLISON; JENKS, CHRIS; PROUT, ALAN. *Theorizing Childhood*. Cambridge: Polity Press, 1998.

³ Hall, Stuart. *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications in association with the Open University, 1997.

⁴ JENKS, CHRIS. *Childhood*. London/New York: Routledge, 1997.

⁵ BENEDICT, RUTH. *Continuities and Discontinuities in Cultural Conditioning*. In MEAD, MARGARET & WOLFENSTEIN, MARTA. *Childhood in Contemporary Culture*. Chicago/Illinois: University of Chicago Press, 1995. p. 21.

A bibliografia revisitada sobre crianças em situação de rua aborda uma problemática conceitual primordial: o questionamento de uma categorização identitária direta e estritamente vinculada a um espaço/situação, o estar na rua. Nascimento e Soares⁶ chamam a atenção para o caráter pejorativo, estigmatizante da denominação, já tão corrente entre os cidadãos, “meninos de rua” e “meninos na rua”, associando-os à criminalidade e à violência. Como proposta de um novo olhar sobre estas crianças, as autoras lançam uma nova expressão: “meninos que vivem na rua” e “meninos que trabalham na rua”. Parece que esta renomeação aponta para a necessidade de não reduzirmos estas crianças às representações pejorativas atribuídas pela sociedade ao espaço público. Antes de estarem na rua precisam ser percebidas como pessoas, que se encontram em uma situação de vida particular.

Em pesquisa realizada na cidade do Recife no ano de 1999, Mello⁷ constatou que no período diurno existe um total de 364 meninos e 96 meninas em situação de rua, totalizando 460 crianças. A pesquisa considerou crianças que estão na rua cheirando cola, impondo serviços, mendigando com adulto e perambulando. Tanto na pesquisa efetuada por Mello quanto em minha pesquisa de campo encontra-se uma visível predominância de meninos que estão na rua em relação às meninas. Já no contexto global, existem cerca de 100 milhões de crianças morando na rua, sendo que aproximadamente 25% destas não têm contato com suas famílias.⁸

Fausto e Cervini⁹ chamam a atenção para o fato de existir na cidade do Recife uma maior dificuldade das meninas se inserirem no setor informal por este implicar uma situação de rua. Os autores constataram que a maior parte das garotas é utilizada como mão-de-obra doméstica. No trabalho de campo ouvi diversos interlocutores afirmarem que o lugar das meninas é dentro de casa, que a situação de rua as expõe a riscos maiores do que os meninos, ressaltando a representação da fragilidade feminina e a concepção corrente de que “lugar da mulher é em casa e do homem é na rua”.

⁶ NASCIMENTO, SEVERINA ILZA DO & SOARES, VANDA CAMBOIM. Violência como Negação dos Direitos da Criança e do Adolescente: A Rua como Espaço de Resistência. In NASCIMENTO, ILZA MARIA DO (ORG.). *E se Fossem nossos Filhos? – Crianças e Adolescentes em Situação de Rua*. João Pessoa: Idéia, 1997.

⁷ MELLO, ALMERI BEZERRA DE. Nas Ruas que não são deles... — Meninos e Meninas em Situação de Rua na Cidade do Recife e na sua Região Metropolitana (RMR). CIELA: Olinda, 1999.

⁸ Sozinhos no Mundo. *Folha de S.Paulo*. 21 de abril de 2001.

⁹ FAUSTO, AIRTON & CERVINI, RUBEN. *O Trabalho e a Rua — Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80*. Rio de Janeiro: Cortez, 1996.

¹⁰ O fato de neste espaço ter trabalhado apenas com garotos não decorre de uma escolha minha, mas do fato de nenhuma garota fazer parte do grupo ou ocupar as calçadas da avenida pesquisada. As garotas que fizeram parte da pesquisa permaneciam em uma praça, próxima ao espaço apropriado por estes garotos. A permanência das meninas na praça ao invés de na calçada foi interpretado por mim como uma busca por um ambiente mais seguro.

As crianças que participaram da pesquisa são todas do gênero masculino,¹⁰ na maior parte negras, com idade de cinco a dezoito anos, e que deixaram o espaço doméstico para morarem na rua devido à violência familiar. Este grupo de crianças apropria-se do espaço urbano de forma bastante nômade e “volátil”. Meu encontro com eles se efetuava sempre no turno da tarde e a cada novo contato o grupo adquiria uma nova configuração, ausência de garotos vistos no dia anterior e apresentação de novas crianças. O contato com eles foi caracterizado por uma relação dialógica, por um movimento de apreensões mútuas através da negociação das informações viabilizada pelo esclarecimento dos respectivos lugares de pesquisadora e pesquisados. Esta percepção do contato enquanto encontro etnográfico fez com que privilegiasse esse espaço de mediação como material de análise. Assim, para que as vivências destas crianças se fizessem compreendidas, julguei necessário pontuar a percepção do meu lugar entre elas, levando sempre em conta o que minha presença, como membro não efetivo do grupo poderia suscitar na dinâmica dos mesmos e na relação com minha pessoa.¹¹ Passei então a considerar não apenas os movimentos do grupo, mas também minhas ações e representações estabelecidas através dos nossos encontros.

INTRODUZINDO A CALÇADA

O Hospital da Restauração, o maior hospital público da cidade do Recife, é uma das mais importantes referências da Avenida Agamenon Magalhães, principal avenida da cidade. O grande fluxo diário de pessoas, que lá vão em busca de serviços, garante uma incessante movimentação nos arredores. Na faixa principal, ao longo da avenida, encontram-se dezenas de barracas de alumínio das mais diversas cores a vender toda sorte de alimentos. Mais à direita um grande recuo serve de estacionamento para os táxis de prontidão. Em meio à incessante circulação de transeuntes, podemos encontrar alguns policiais e algumas vezes garotos a cheirar cola pedindo comida nas barracas e alguns “trocados” aos pedestres.

Principalmente no turno da tarde, estes garotos se reúnem na extensão da calçada do canal na área situada em frente ao hospital. Transgressores, esta seria uma das representações mais usuais atribuídas as crianças que ali vivem. Crianças que com a constante companhia da cola, os pés descalços, as roupas e a pele sujas, assustam e causam nojo nos cidadãos. Crianças que se encontrando diante da devassidão da rua, tornam-se expostas, vítimas de outras pessoas acompanhadas ou não por armas que inscrevem, através da dor, a lei social.

¹¹ CICOUREL, AARON. *Teoria e Método em Pesquisa de Campo*. In ZALUAR GUIMARAES, ALBA. *Desvendando Máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990.

SOB O SIGNO DA VIOLÊNCIA

O trajeto espacial destes garotos – da casa para a rua e posterior transgressão da ordem entre o público e o privado – é caracterizado pela violência física, violência que, quando associada ao caráter de desproteção infligido pelo espaço público, evidencia também para estas crianças a noção da efemeridade de suas vidas. A devassidão a que são submetidos seus corpos é retratada por uma das músicas prediletas destes garotos, um rap do grupo Racionais MC's e o título do disco parece sintetizar seus cotidianos, *Sobrevivendo no Inferno*. Em um dos encontros a céu aberto, algumas crianças cantaram o seguinte trecho da música *Tô Ouvindo Alguém me chamar*:

Lembro que um dia o Guina me falô
Que não sabia bem o que era amô
Falava que quando era criança tinha uma mistura
De ódio, frustração e dor

De como era humilhante ir pra escola
Usando a roupa dada de esmola
Ter um pai inútil digno de dó
Mais um bêbado fila da puta e só

Sempre a mesma merda todo dia igual
Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal
Longe dos cadernos bem depois
A primeira mulher e o vinte e dois

(Neste momento da música, automaticamente todos nos olhamos com muita seriedade parecendo temer a terrível profecia)

Estava enlouquecendo não podia mais dormir
Eu sonho toda madrugada com uma criança chorando
E alguém dando risada
Não confiava nem na minha própria sombra
Mas segurava minha onda

Sonhei que uma mulé me falô
 Que eu não sei o lugar que o conhecido meu
 Que é que ía me matar
 Precisava acalmar a adrenalina
 Precisava parar com a cocaína

Não tô sentindo o meu braço
 Nem me mexê da cintura pra baixo
 Ninguém na multidão vem me ajudar
 Que sede da porra eu preciso respirar
 Cadê meu irmão?
 (Os garotos fazem som de tiro, que na gravação do CD não aparece neste momento)

Eu tô ouvindo alguém me chamar
 (Os garotos fazem som de tiro)

A análise de algumas passagens da música pode auxiliar-nos a compreender alguns momentos da história de vida destas crianças. A primeira estrofe apresenta-nos um provável adulto que se reporta à infância marcada por sentimentos imoladores — o ódio, a frustração, a dor — que finda por tornar turva a vivência do amor. Quanto às experiências da infância constituindo a forma como o futuro adulto vai perceber e se relacionar com o mundo, Berger e Luckman chamam a atenção para o conceito de socialização primária denominando-a como “a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade”.¹² Segundo os autores, esta socialização tem o valor mais importante para o indivíduo sendo fortemente permeada pelas relações afetivas estabelecidas com os membros da sua família. Através da abstração progressiva por parte da criança dos papéis e atitudes destes familiares ou dos “outros significativos”, a criança vai transpor estas percepções para o “outro generalizado”, ou seja, para a sociedade mais ampla.

Essa frustrante experiência vivida na infância, que é ressaltada na segunda estrofe através da apresentação de um familiar que não gratifica, *um pai inútil digno de dó, mais um bêbado fila da puta e só*, parece encontrar ressonância na justificativa de várias crianças para o exílio doméstico. Pedro, 15 anos, diz que saiu de casa porque ‘meu pai deu uma pisa em mim de correa, de negócio de peneu’. Já Quinho, 17 anos, atribui

¹² BERGER, PETER L. & LUCKMAN, THOMAS. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 175.

a justificativa à mãe, ‘porque minha mãe me espancô’. Zito, 16 anos, afirma que ‘só’ a sua mãe batia nele ‘de corrente’.

A “profecia” da terceira estrofe, a arma, assim como a mulher, indicando uma iniciação, um ritual de passagem para uma nova condição, uma nova identidade, aponta para um possível futuro marginal. A arma como extensão do corpo é diversas vezes rememorada por algumas destas crianças através do desejo de possuir um revólver. O policial, um dos maiores inimigos, é inconscientemente transformado em modelo a ser copiado. Assim, a lei do mais forte (aquele que agride estas crianças, que as ameaça cotidianamente) é reproduzida pelo mais fraco alimentando o *moto continuum* da microfísica do poder.

A quarta estrofe, tratando da angústia do momento da dormida, dos pesadelos noturnos, da constante ameaça de quem não pode confiar *nem na própria sombra*, é retificada pela desproteção, pela passividade dos corpos destas crianças neste momento. A exposição imposta pelo espaço público faz desses corpos, presas fáceis para qualquer ato de violência. Esta dormida na rua inclusive, parece caracterizar o fato da perda do vínculo entre a criança e a família. Nascimento e Soares,¹³ em pesquisa realizada na cidade de Mossoró, observam que, para estes garotos, o fato de dormirem na rua os insere na categoria *meninos de rua*. Segundo Sérgio, 13 anos, ‘a rua é ruim, só tem morte. É arriscado a pessoa durmi na, na calçada e morrê’. Ao falar sobre as perdas e ganhos da vida na rua, Claudinho, 12 anos, caracteriza o pólo negativo através do momento da dormida. A rua é boa porque aqui ele pode ‘brincar um poquinho, se divertir, anda, anda por aí. Agora só é ruim a durmida, porque a durmida fica... A durmida fica cum frio e tem muita gente que fica fazendo malícia cum nós’. A rua parece ser representada de forma dual por estes garotos: atraente, pois garante a sobrevivência e, difícil, por marginalizar.

Durante uma semana do mês de agosto a cidade sofreu um forte temporal, barreiras caíram, famílias morreram. Os habitantes da cidade estavam em pânico e a Avenida Agamenon Magalhães inundada, impossibilitando minha visita às crianças. Passada a fase crítica das intempéries, encontrei na fala de Zito a desproteção e a humilhação que eles sofreram quando não podiam recorrer ao abrigo de uma casa, dormindo do lado de fora de um grande supermercado situado ao lado da praça do Parque Amorim. Relata que sentiu ‘medo, muito frio, lá num dava nem pra durmi direito cum aquela chuva. Butavam a gente pra fora’.

A sexta estrofe denuncia a apatia da população frente à violência sofrida por estas

¹³ NASCIMENTO, SEVERINA ILZA DO & SOARES, VANDA CAMBOIM. IN NASCIMENTO, ILZA MARIA DO (ORG.). 1997, Op. cit.

crianças. No primeiro contato que tive com os garotos no canal da Avenida Agamenon Magalhães, um deles estava cortando o outro com um pedaço de vidro e dois brigavam no meio da avenida com o semáforo prestes a abrir. Diante destas cenas, a população e os policiais em frente ao hospital não tomaram nenhuma atitude. A este respeito, Adorno e Córdia¹⁴ chamam a atenção para o fato de ocorrer, por parte da população, uma valorização da violência como solução de conflitos. No caso exposto em particular, mesmo a violência não partindo diretamente dos cidadãos, é legitimada a partir da imobilização diante dos fatos ocorridos.

A introdução do som de tiros logo após a sexta estrofe, em uma passagem da música em que na gravação original não existe, denuncia outra introdução também inadequada, a violência que é inserida na vida destas crianças de forma extremamente precoce. A violência é cometida não apenas pelos policiais ou transeuntes, mas pelos próprios garotos que encontram no corpo do colega um espaço em potencial para a concretização de delitos.

Claudinho denuncia seus colegas como agentes da violência sofrida no momento da dormida. Diz que os *cheira-colas* ficam fazendo ‘malícia’ com eles, ‘ficam butando negócio no nosso ovido, palito no negócio dos ôtro. Dá lapada na barriga dos ôtro, fica atirando dedada nos ôtro’.

Pedro, ao referir-se à condição dos velhos que ficam na rua parece espelhar-se na alteridade, sintetizando a vivência dos garotos da sua idade: ‘Eu tenho pena, e se eu tivesse dinheiro, eu tivesse dinheiro mermo, eu tirava esses veinho todinho da rua assim. Ajudava esses pessoal que num tinha casa, eu ajudava’. Diz que no meio da rua os velhos ficam ‘desprotegidos, tem um que num tem casa pra morá, tem um que é abandonado pela família, tem família que espanca’. Em certa ocasião Pedro afirmou ter saído de casa devido a um castigo corporal efetuado pelo pai com uma correia de pneu.

Silva e Milito¹⁵ chamam a atenção para algumas legitimações por parte da criança para os castigos corporais efetuados em casa como medidas educativas. A fala de Pedro vem corroborar esta hipótese. Aqui, apenas o excesso é repudiado. Quando lhe pergunto qual o local que acha mais violento, se a rua ou a casa, ele responde: ‘Eu vô dizê, na rua. Porque em casa mãe é mãe, pai é pai, pode batê no filho. Mai, batê muito assim não né? Dá um puxão de oreia, butá de castigo...’.

A violência sofrida em casa e na rua transforma-se em brincadeira. Rodrigo, 16

¹⁴ ADORNO, SÉRGIO & CÁRDIA, NANCY. Dilemas do Controle Democrático da Violência: Execuções Sumárias e Grupos de Extermínio. In SANTOS, JOSÉ VICENTE TAVARES DOS (ORG.). *Violência em Tempo de Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

¹⁵ SILVA, HÉLIO R. S. & MILITO, CLÁUDIA. *Voices do meio Fio — Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

anos, afirma diversas vezes que matou um policial, que cometeu várias atrocidades com os colegas. A intimidade dessas crianças com a violência me deixava confusa quanto à veracidade dos seus relatos, relatos estes efetuados com tanta naturalidade. Quando tentei checar o conteúdo da fala de Rodrigo indagando-lhe sobre a veracidade da sua afirmação, ele responde em tom de zombaria: ‘Eu acabei de matá um bisoro. Êh, viva! Rodrigo matô um besoro’. A violência sofrida em casa e na rua transforma-se em brincadeira, em fantasia que parece não funcionar como o oposto da realidade, mas em seu evocador.

Zito fala da violência sofrida para depois utilizá-la como recurso musical: ‘Tia eu sofro muito, porque só tem Capim de Chero¹⁶ que é bom (Zito já visitou o sítio com o Grupo Ruas e Praças e diversas vezes expressa seu desejo de voltar ao local para sair “dessa vida”). Porque senão, completa dezoito anos e não vai mais em nenhum abrigo. É muita coisa, é muita lapada, eu apanho. Tanta lapada, ferida, empurrão. Os cara (policiais) já queriam me matá, apontô o revolve’.

Logo após o depoimento, canta uma estrofe de um conhecido rap que fala da paz:

Eu só quero é ser feliz
Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci
(...)

Imediatamente Zito parodia a música introduzindo a violência no lugar da utópica felicidade:

Eu só quero é ser feliz
Andar com um trinta e oito e uma cola no nariz
E se a polícia me pegar
Eu pego o trinta e oito e boto ele pra lavar.

Mas a idealização é um projeto necessário para estas crianças, o desejo de ocupar um novo *topos* que não a rua, onde possam assumir uma nova identidade, transforma-se em um movimento de oposição em relação à violência sofrida nas calçadas. Quando pergunto o que desejam para o futuro, Pedro afirma querer ‘trabalhá, tê uma família, tê uma casa, sê, pelo

¹⁶ O Sítio Capim de Cheiro, pertencente à ONG Ruas e Praças, que trabalha com crianças em situação de rua, é um local de reabilitação alternativo às ruas, onde crianças drogaditas podem, com a permissão de suas famílias, visitar e posteriormente morar temporariamente. Aqui é oferecida uma nova forma de vida a estas crianças: estudo, trabalhos recreativos, etc, com a condição da não utilização de drogas.

menos um, um cobrador de ônibus, um taxista'. Teodoro diz querer 'dixá a rua. Todos os meus amigos se eu pudesse ninguém usava droga, nem morte, nem dor'.

Porém, este desejo é ambivalente, as perversidades da rua misturam-se aos seus ganhos tornando-se indissociadas destes. Esta dualidade leva Roberto a entrar em contradição, cometendo um ato falho: 'Eu quero para de chera cola, ir pra escola. Oche, eu quero ficá na rua, de para de ir pra rua'.

A ambivalência representada pelo lapso de linguagem de Roberto é um indicativo dos movimentos duais, das contradições que permeiam a vida dos meninos que se encontram nas calçadas. O desejo e não desejo de permanecer na rua, rua que agride mas que também garante a sobrevivência. A criança sobrevive neste espaço porque fugiu da violência doméstica e aqui também viola para sobreviver.

A DEMARCAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E A SEGREGAÇÃO DOS CORPOS

A importância do espaço para a compreensão da dinâmica cultural é ressaltada por Berger e Luckman. Estes autores estabelecem uma distinção entre o simbólico e a natureza, o homem e as demais espécies animais, através da vinculação do primeiro a um ambiente específico. A relação do homem com o espaço externo é caracterizada por um movimento de "abertura ao mundo". É na mediação entre o homem e este espaço socialmente construído que se travam as relações entre as pessoas. Os autores postulam, então, uma relação direta entre o ser humano e o espaço, tendo o corpo como suporte desta mediação afirmando que "em geral a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas de cada povo."¹⁷

Dessa forma, a afirmação de pertencimento dessas crianças em relação à rua adquire uma feição totalizante. A segregação dos corpos dos garotos que habitam a rua através da estigmatização é premente através do olhar do cidadão, um olhar permeado pelo medo, nojo e raiva. Este incisivo posicionamento social do local público em relação às crianças aponta para uma perversa lógica de delimitação do espaço, ritualizando os comportamentos e estabelecendo hierarquias. A segregação dos corpos parece encontrar sua origem no conceito de estigma, que se constitui em sinais corporais que identificam o portador de forma negativa inserindo-o em grupos de pertencimento bem delimitados.¹⁸

Os garotos que aqui vivem dizem que podem ocupar tranqüilamente a calçada do

¹⁷ Berger, Peter L. & Luckman, Thomas. 1998, Op. cit. p. 300.

¹⁸ VISCARDI, NILIA. Disciplinamiento, Control Social y Estigma: Tres Conceptos para una Sociología del Conflicto – El Caso de la Violencia en el Espacio Escolar en Uruguay. In Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Ano 1, nº1. — Jan/Jun, Porto Alegre, 1999.

canal da Avenida Agamenon Magalhães, mas caso atravessassem para a calçada do Hospital da Restauração, correm o risco de cair nas malhas dos policiais. Constantes são os escorraçamentos das crianças deste local basicamente por “atrapalharem” a movimentação da freguesia das barracas que se situam em frente ao Hospital da Restauração. Restauração não apenas dos corpos dos doentes, mas da ordem, das pessoas que são permitidas ou não de transitar à sua volta. Zito é testemunha da demarcação arbitrária do espaço: ‘Tia, a gente chera cola. Óa, se a gente fica lá (em frente ao Hospital da Restauração), o canto da gente é aqui. Porque se a gente fica ali daquele lado os outro recrama. Só daquele lado recrama. Aí por isso que a gente vem pra cá. Porque se ali os policial passa, aí dá lapada’. Quando lhe pergunto se no canal os policiais os agridem ele responde negativamente, diz que este espaço não é freqüentado pelos policiais.

Contrariando a fala de Zito, no dia seguinte, três policiais aparecem na calçada do canal enquanto eu estava conversando com os garotos. Um deles me olhava de forma acintosa e ameaçadora perguntando quem eu era e o que estava fazendo naquele local. Respondi que o espaço era público e que estava conversando com os meninos. Travou-se então uma discussão entre mim e este policial sobre a condição de criança daqueles garotos. Para o policial eram garotos diferentes, ameaçadores, transgressores e parecia que a minha presença ao lado deles alteraria a ordem bem estabelecida dos fatos, qual seja, que destas crianças não cabe ao cidadão se aproximar, a hierarquia social precisa ser mantida. Andar naquela calçada sem medo ou estigmatização é andar na contra-mão do *status quo*.

Em oposição à rua, os garotos do canal comumente se referem a um “casarão” onde vão cheirar cola e fumar maconha. Dizem que é um espaço abandonado e que o dono permite suas inserções no local. O espaço não possui a representação de moradia, apenas de “ponto de encontro”. Certo dia, quando vou procurá-los para tirar fotos, Gérson diz que estão no casarão. Peço para que me leve até o local. No meu imaginário o casarão era uma enorme casa abandonada, mas para a minha surpresa não passava de um terreno baldio repleto de mato e fezes. Gérson também estava surpreso, estavam quebrando o muro que separa o terreno da Avenida Agamenon Magalhães e colocando um *out door*. Parecia que estavam perdendo um espaço de intimidade.

A precária garantia da sobrevivência faz destas crianças pessoas nômades em busca de comida. Este é um dos momentos que gera mais revolta nas crianças, pois a evidência da estigmatização dos seus corpos torna-se um obstáculo para a garantia das suas refeições. Nas suas falas, o que causa maior mágoa é o fato de os barraqueiros instalados em frente ao Hospital da Restauração não lhes fornecerem alimentos, “obrigando-os” a roubar para garantir a sobrevivência. O eco das palavras de Quinho

ênfatisa a revolta das crianças de não serem amparadas pelos detentores de um bem de consumo de primeira necessidade: ‘Os pessoal daqui são tudo piranguero, os pessoal daqui, a pessoa, eles diz “Peça, mas num robe. Peça, peça, peça”. A gente pede tanto a esses pessoal daqui, tanto, mas os pessoal num dão. Quando a gente pede aí eles diz “Num tem, num tem, num tem, num tem, não. Vá pra ôtra barraca”. A gente pede um copo de água, os pessoal daqui nega’.

A estigmatização dos seus corpos e conseqüente inviabilização de uma melhor qualidade de vida e segregação espacial é denunciada também pela interdição da entrada dos garotos nos transportes públicos. Cena comum da vida urbana é crianças, geralmente negras e descalças, a arriscar suas vidas atravessando a cidade, agarradas nas traseiras dos ônibus. Seja em nível concreto, seja em nível metafórico, a condição de suas vidas é “estar do outro lado, do lado de fora”.

AS MARCAS CORPORAIS COMO COERÇÃO E COMO SIMBOLO FÁLICO E DE PERTENCIMENTO

Para Clastres, as sociedades ágrafas escrevem suas leis no corpo dos seus membros, já que este comporta a memória do espaço e do tempo do seu grupo. Nos rituais de passagem, é no corpo que a marca é efetuada. Segundo o autor “... as sociedades ditam suas leis aos seus membros, ela inscreve o texto da lei na superfície do corpo. Porque a lei funda a vida social da tribo a ninguém é pressuposto esquecer. As cicatrizes do corpo seriam a escrita sobre o corpo.¹⁹ O depoimento de Pedro deixa clara a função coercitiva, transformada em memória destas marcas corporais. Quando lhe pergunto como faz para ganhar dinheiro ele responde: ‘Eu peço, eu já robei na minha vida, mas os home (policiais) me pegaram, mai deram em mim. Mai eu num quero robá mai não’. Pedro rememora através das palavras o efeito da violência corporal. ‘Num fiquei não (muito ferido), mas ficô as manchas e ficô um calombo na minha cabeça’. A violência sofrida foi de fato introjetada por Pedro, inibindo-o à repetição do ato transgressor.

As marcas corporais, como insígnia da lei grupal, são métodos coercitivos também utilizados entre si pelos próprios garotos das calçadas, transformando o corpo do colega em lugar especial de espelhamento da violência que sofrem cotidianamente. Vários são os depoimentos de agressões dos garotos entre eles, inclusive com alguns afirmando que são mais agredidos pelos próprios colegas do que pelos policiais. As queixas são geralmente

¹⁹ Apud AIVES, RUBEM. *O Corpo e as Palavras*. In BRUHNS, HELOISA T. (ORG.). *Conversando sobre o Corpo*. Campinas: Papirus, 1994. p. 48.

efetuadas pelos garotos menores em relação aos maiores. Também nas calçadas as classes de idade indicam uma hierarquia imposta e rememorada através da violência física. Quando estou junto aos garotos intervenho em vários momentos utilizando minha autoridade como adulta para impedir que os garotos se agriçam. Muitas vezes não ficava claro para mim o limite entre a coerção e o lúdico (se é que existe necessariamente um limite) quando presenciava alguma cena de luta.

Outra marca produzida, ou melhor, utilizada pela maioria dos garotos das calçadas são as tatuagens. Esta é uma marca identitária, “O sujeito adquire identidade se tatuando ou se tribalizando de qualquer forma, ato ou pensamento. É a certeza mágica da identidade: tatuei-me, agora sou eu”.²⁰ Segundo Diógenes²¹ a tatuagem é uma inscrição de diferenciação que assegura ao indivíduo o pertencimento ao grupo. A fala da maioria dos garotos retifica esta assertiva, quando o motivo por ter colocado uma tatuagem advém de uma atitude de espelhamento em relação a um colega. Flávio afirma que colocou uma tatuagem ‘porque eu achava, quando os ôtro meninos fazia aí eu achei bonito. Fui fazê em mim também. Mas num me arrependo não’.

Este garoto ressalta a mudança da sua vida e do seu corpo quando deixou as calçadas. Porém, a sua afirmativa do não arrependimento de ter-se tatuado, quando não foi efetuado um questionamento em relação a este assunto, parece apontar para uma estigmatização de uma marca que funciona como signo da transgressão. Seu corpo ainda guarda vestígios da antiga identidade: saiu da rua, mas sua pele denuncia seu passado, seu corpo é um suporte de memória através da marca indelével.

A tatuagem parece representar um símbolo fálico para estes garotos, um dom que diante da fala de Geraldo cabe apenas aos meninos. Quando pergunto quem é que coloca mais tatuagens, se garotos ou garotas, ele responde que os meninos. Quando lhe indago o por que destas marcas serem utilizadas mais por meninos ele responde através de adjetivos que associa aos homens: ‘Porque home gosta e é mais bonito, tem mais talento, tem mais amô no coração’. A justificativa para a utilização destas marcas advém também através de adjetivos de força. Geraldo diz ‘porque é rochedo, dá mais presença no cara. Porque nós gosta, é consideração’. Jairo confirma esta percepção: ‘Dá presença, as pirraia fica tudo gamando’. Quanto às garotas, as tatuagens são de figurinhas de goma de mascar, são desenhos infantis, bastante coloridos e efêmeros.

Além da virilidade, a tatuagem crava na pele lembranças de amores já distantes,

²⁰ MARQUES APUD DIÓGENES, GLÓRIA. *Cartografias da Cultura e da Violência — Gangues, Galeras e Movimento Hip Hop*. São Paulo/Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998. p. 189.

²¹ DIÓGENES, GLÓRIA. 1998, Id. ib.

Zeca, morador da rua tem no corpo a inscrição *Amor só de mãe*. Claudinho, que também perdeu o vínculo familiar, traz na pele o nome de uma ex-namorada, garota que diz ter sido o grande amor da sua vida.

Marcas de amor, marcas de violência, marcas de identidade transformando a pele em uma referência: a vida nas calçadas cravada no corpo de criança. São os códigos sociais inscritos nos corpos destes garotos denunciando uma forma particular de habitar o mundo.

A COLA: ENTRE O PODER, O PRAZER E A DESTRUIÇÃO

Para as crianças que habitam o espaço público existe uma vinculação direta entre o corpo e o solvente cola de sapateiro. Parece que este, assim como as tatuagens, apontam para um código de inserção na vida das calçadas e a uma comunidade. Na rua a cola deixa de ser meramente um produto químico para transformar-se em um significativo imperativo para estas crianças, tanto ao nível de socialização, quanto ao nível de ética corporal. Ela se apresenta primeiramente como um código de pertencimento ao grupo, “colando” as diversas crianças entre si. Com o passar do tempo, transforma seus corpos “colando-os”, secando-os por dentro, ao mesmo tempo em que toma parte das suas vidas “colando-as” e limitando as crianças à identidade de *cheira-colas*.

Nas calçadas o pertencimento ao grupo é viabilizado por uma série de códigos corporais, códigos estes que passam não apenas a identificar a criança aos demais pares, mas acaba, através da relação estabelecida com a sociedade mais ampla, por inseri-la em uma categoria que a estigmatiza e a impede de entrar em contato mais efetivo com os demais grupos sociais. É a pequena garrafa cheia de cola, diversas vezes por dia levada à boca, que finda por nomear estas crianças de *cheira-colas*.

Para estes garotos, a inserção da vida na rua encontra ressonância na prática da inalação da cola. Pedro diz que começou a vir pra rua ‘cherando cola, fumando cigarro’. Naelson diz que sobrevive no meio da rua ‘cherando cola, cherando cola e pronto’. A cola possui uma dupla representação para estas crianças, ao mesmo tempo em que comporta um aspecto fálico, conferindo um poder aos seus corpos assustando a população, castra estes mesmos corpos, os define e destrói. Enquanto as garotas da praça escondem a cola dentro da camisa, entre os seios, os meninos, tanto da praça quanto das calçadas, a escondem entre o short e a virilha. A associação ao pênis é imediata, um pênis ereto, símbolo do poder que pode ser comparado a uma arma.

Pergunto a Zeca o que acha dos transeuntes das calçadas. A estigmatização que sofre faz com que sua resposta tome a si e não aos transeuntes como objeto de observação/

juízo: ‘Os pessoal fica olhando assim prá gente cum medo, às vezes fica querendo dá-le, batê em nós. (...) Quando vê o negócio (cola) fica querendo espancá os ôtro, pronto’. Já Ricardo é mais categórico quanto à mesma pergunta, apesar de fazer o mesmo processo de inversão do discurso: ‘Fica cum medo da gente’.

Cola fetiche, símbolo de periculosidade para o transeunte, mas também cola corrosiva, que confere ao corpo do garoto uma representação de fraqueza, debilidade e destruição. Para Cássio, ‘a cola num presta não, porque dá uma dô no coração, fica colando. A pessoa tem dois pulmão, a cola cumê um, pronto. Se cumê o ôtro a pessoa morre tia’. A questão magreza/definhamento corporal é pontuada através de diversas passagens. É recorrente os garotos afirmarem que antes de começarem a cheirar cola eram gordos e que agora estão ficando cada vez mais magros. Segundo Sérgio, ‘a cola estraga o organismo, estraga tudo o que é de dentro de nós. Fica mago cum dô. A cola chupa, dá dô de cabeça’. Outro garoto diz que com a cola a pessoa ‘fica maga, fica cum fome, fica suja’. Nesta fala fica clara a direta associação da cola à impureza, cheirar cola é estar fora da ordem, é a afirmação da transgressão da vida nas calçadas.

Flávio corrobora esta percepção ao afirmar que quando cheirava cola ‘só sentia fraqueza mermo e vendo o corpo secá. Eu era menó quando eu cherava cola, eu num tava crescendo não’. Diz que quando parou de cheirar cola começou a ‘crescê, a desenvolvê’. A percepção do corpo é diretamente vinculada à cola. Quando pergunto a Cássio o que acha do seu corpo, ele responde que acha feio. Quando lhe indago o por que, ele responde que era bonito quando era pequeno (quando não cheirava cola), mas que quando a pessoa cheira cola, fica feia. Quando pergunto a Sheila, 17 anos, um garoto que se transveste de garota, o que acha do seu corpo, ela responde que está ficando magra devido à cola. Pedro diz que acha seu corpo normal, mas que sabe estar estragado por dentro.

A cola deve ser percebida como um significante, permeando a relação dos garotos nas calçadas. Seus corpos permaneciam colados não apenas ao meu,²² mas também aos corpos dos diversos colegas. Não apenas os momentos de brincadeiras eram marcados pela grande aproximação física, diversas vezes presenciei carícias extremamente erotizadas entre os garotos.

Talvez seja este imperativo da cola na vida destas crianças, do poder que exerce sobre seus corpos que faz com que adquira denominações bastante humanizadas. Ela é chamada de *viva* quando está mole e pode ser cheirada, matando a fome, e de *morta* ou *morgada* quando já está dura e não oferece mais o cheiro e as sensações de obnubilações

²² Cena comum era quando do meu encontro com os garotos ficamos sentados na calçada conversando, com alguns deles deitando a cabeça no meu colo ou me abraçando.

da realidade, deixando a criança com fome. Sheila diz que sente uma “lombração” e o corpo dormente quando cheira cola, já Cássio sente a angústia da percepção desfocada. Ele relata que tem um problema no olho, que quando cheira cola percebe os objetos inertes se mexendo, que neste momento quando se olha no espelho e mexe sua cabeça não vê a imagem refletida acompanhar o movimento. O olhar pesaroso do menino aliado à fala arrastada denunciam uma incompatibilidade entre os dois mundos, o interno (psicológico) e o externo (social). Talvez pudéssemos compatibilizar estas duas percepções, já que a dissociação dos dois mundos nos remete a um questionamento capcioso, sobre o que seja a realidade.

Diante da cola, observando o efeito que exerce no corpo dos garotos e analisando seus discursos, poderíamos dizer que existem duas percepções sobre a realidade, a rua com toda sua imponência, sendo apreendida de forma absoluta pela criança sóbria, e um arrefecimento e mesmo fuga desta imponência remetendo-a às sensações corporais internas. Seja através da relação destas crianças com os transeuntes, com os próprios corpos ou com os corpos dos colegas, a cola é predominante no cotidiano da vida nas calçadas. Cola que cola os corpos, que os destrói, que os estigmatiza, que transforma e limita a criança a uma simples expressão: *cheira-cola*.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender como o espaço público é apropriado por algumas crianças que vivem na rua ao mesmo tempo em que as posiciona como socialmente diferentes. Partindo da concepção da infância como uma fase socialmente construída, e diretamente vinculada a concepção pós-moderna de identidade, pudemos perceber como a relação de um particular grupo de crianças com a rua é atravessada por categorias como classe social, gênero e cor.

Resultantes de uma ordem que exclui, que impõe hierarquias que se desejam intransponíveis, estas crianças não são percebidas como fazendo parte do conceito hegemônico de infância permeado pela noção de proteção e representado por crianças brancas. A devassidão que a rua impõe aos seus corpos as localiza constantemente como pessoas fora de ordem, transgressoras, pessoas que devem ser segregadas do contato cotidiano com a população mais ampla. Através de pesquisa etnográfica, busquei revelar as formas de operação de tais práticas segregadoras bem como os resultados que estas impingem nas vidas destas crianças em nível concreto e subjetivo.

Se a rua é tomada pelos meninos como possibilidade de sobrevivência e de

agenciamento, ela também lhes impõe uma realidade configurada pelo imediatismo. Aspirações e qualquer senso de futuro são muitas vezes substituídos por prazeres fugazes e pela incerteza de transposição da violência que cotidianamente lhes lembra a vulnerabilidade de seus corpos.

A constante utilização das falas dos garotos teve como objetivo revelar uma perversa cumplicidade da sociedade com uma ordem que impede a atribuição de qualquer tipo de dignidade às crianças que moram na rua. O fato de estas crianças habitarem o espaço público não parece ser visto como uma violação dos direitos humanos e da criança, mas como uma realidade que precisa ser afastada, deixada lá, do outro lado da calçada. Porém, a visibilidade que os garotos conferem a seus corpos através da utilização de signos de uma certa masculinidade – a cola e as tatuagens como símbolos fálicos – parece constituir-se como uma resistência a esta insistente segregação, a esta impossibilidade de empatia com uma infância marcada pela violência.

Recebido em outubro de 2004.